

**A surpreendente
novidade de Cristo**

Colecção A.O. DE BOLSO

Acreditar em Deus

José I. G. Faus, S.J. / Josep Vives, S.J.

Vocação e Vocações Pessoais (2.^a ed.)

Vasco Pinto de Magalhães, S.J.

Quando a Caridade se Faz Política

Henri Madelin, S.J.

Jesus e o Teu Corpo (2.^a ed.)

André Leonard

Em Busca do Sentido da Vida

Maria Paula Serôdio

Pai Nosso... Um Itinerário Bíblico (2.^a ed.)

Irmão John, de Taizé

Síntese da Fé Católica

François Varillon, S.J.

O Espírito Santo, Fonte de Vida Nova

Irmão John, de Taizé

Nazaré, Ícone da Trindade

Dário Pedroso, S.J.

Espiritismo, Uma Fraude

Heitor Morais, S.J.

Jesus e a Mulher (2.^a ed.)

Irmã Maria Rita Valente-Perfeito

Discernir – O que é que se passa em nós? (2.^a ed.)

Monique Lorrain

GPS da Vida Cristã (2.^a ed.)

Centros Universitários da Companhia de Jesus (coordenação do P. Nuno Tovar de Lemos)

A surpreendente novidade de Cristo – Sustentando a fé para o amanhã

Michael Paul Gallagher, S.J.

Michael Paul Gallagher, S.J.

A surpreendente novidade de Cristo

Sustentando a fé para o amanhã



Editorial A. O.

Título original
© Michael Paul Gallagher, SJ
The disturbing freshness of Christ:
Nourishing faith for tomorrow
Veritas Publications
7/8 Lower Abbey Street
Dublin 1 (Ireland)
ISBN 978 1 84730 150 5

Tradução
Carlos Reis

Revisão da tradução
Elias Couto / António Valério, S.J.

Na Capa
Fishermen at Sea
(William Turner)

Capa (arranjo gráfico)
Virgílio Cunha

Paginação
Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos
Tipoprado, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal nº
????????????????

ISBN
978-972-39-0764-3

Dezembro de 2012

Com todas as licenças necessárias

©
SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA
Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441
www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



Prefácio

Em Outubro de 2007, dei uma conferência sobre este mesmo tema no Congresso Nacional de Educação Religiosa, realizado em Dublin. A exposição baseou-se numa apresentação de imagens realizada em *PowerPoint*. Quando a editora *Veritas* me pediu para produzir uma versão da conferência para publicação, decidi completar e expandir vários dos temas que foram tratados de modo mais ligeiro durante o Congresso. Com esta publicação espero estimular a reflexão sobre esta área crucial da formação da fé, para os dias de hoje.

Prefácio
à edição portuguesa

Sinto-me feliz por este pequeno livro ser publicado em Português durante o «Ano da Fé». Como muitos saberão, este «Ano da Fé» foi proclamado pelo Papa Bento XVI, com início no quinquagésimo aniversário da abertura do Concílio Vaticano II (11 de Outubro de 2012) e encerramento na festa de Cristo Rei (24 de Novembro de 2013). Na sua *Carta* intitulada *Porta fidei*, o Papa explicou o objectivo deste Ano, falando da redescoberta da fé como um caminho. E usou outra imagem para exprimir as esperanças deste Ano especial: «conduzir as pessoas para fora do deserto e para lugares de vida». Muitos Católicos perderam o contacto com as suas raízes e com a Igreja. Muitos podem sentir-se incapazes de alimentar as suas necessidades espirituais. O Papa pede a tais pessoas para tomarem consciência

Prefácio à edição portuguesa

de que a fé é mais um «acto de confiança» do que uma questão de conteúdos doutrinários. O coração é o primeiro a agir para se ser capaz de «estar com o Senhor» outra vez.

Acrescente-se que a preocupação com os caminhos para a fé, hoje, tem estado no centro da vida do Papa Bento, incluindo nos seus muitos anos como teólogo. Símbolo desta preocupação pode ser um momento especial, pouco conhecido. Na noite anterior à abertura do Vaticano II, em 1962, o então Professor Joseph Ratzinger, de 35 anos, foi convidado para fazer uma conferência a todos os Bispos de língua alemã, preparando-os para o Concílio. Falou sobre o documento já preparado sobre a revelação e mostrou-se decididamente crítico do mesmo, dizendo que o referido texto era pobre e devia ser modificado, em muitos aspectos. Sugeriu que o rascunho proposto pela Cúria romana representava apenas «uma escola teológica» a tentar impor-se a outra e que o Concílio tinha desafios mais importantes para enfrentar do que envolver-se em tão «assombrosa» mesquinhez (*erstaunlich Veren-*

Prefácio à edição portuguesa

gung) ou «provincialismo eclesiástico». Em vez disso, o Concílio devia falar «de um modo novo» e na «nossa própria linguagem». A conferência terminou com estas palavras: «O mundo não espera de nós mais refinamento de um sistema, espera antes escutar a resposta da fé na hora da descrença». Pode dizer-se que esta frase condensa a sua continuada esperança e paixão pastoral, agora corporizada no «Ano da Fé».

Sem qualquer pretensão de me comparar com o Santo Padre, também eu me posso declarar culpado de uma vida inteira apaixonada por apresentar o sentido da fé, de modo especial àqueles para quem ela faz pouco ou nenhum sentido. Esta preocupação nasceu definitivamente quando, tinha eu 21 anos, passei um ano académico fora do meu país natal, a então muito católica Irlanda. Na universidade de Caen, no norte de França, e pela primeira vez na minha vida, encontrei um agnosticismo generalizado entre os meus companheiros, a maior parte deles católicos baptizados, e, um

Prefácio à edição portuguesa

pouco como Monsieur Jourdain *fazendo prosa sem o saber**, através de muitas conversas, descobri que estava a fazer nova evangelização intuitivamente, ao meu jeito.

Uma primeira intuição nasceu então, intuição que se fortaleceu anos mais tarde, como jesuíta, trabalhando quase sempre em contexto universitário. Fui-me convencendo que muitos impedimentos à fé não tinham lugar no âmbito da verdade mas no âmbito da liberdade espiritual. Isto foi confirmado, mais tarde, quando fiz alguma investigação mais especializada do pensamento de Newman e descobri a sua ênfase na *disposição*. Outra intuição importante, nascida de um ano na América Latina, foi a de que os nossos estilos de vida ocidentais têm um imenso e frequentemente escondido poder so-

*Expressão com origem na peça de teatro *Le Bourgeois Gentilhomme*, de Molière, na qual uma das personagens, *Monsieur Jourdain*, exclama: «*Par ma foi ! il y a plus de quarante ans que je dis de la prose sans que j'en susse rien...*». *Monsieur Jourdain* designa, assim, alguém que faz algo sem saber que o faz [N. E.].

Prefácio à edição portuguesa

bre a nossa liberdade espiritual ou falta dela. Uma terceira dimensão surgiu quando comecei a perceber que a imaginação humana é um campo de batalha chave onde a fé ou morre à fome ou é alimentada. Assim, estes três tópicos – liberdade, cultura, imaginação – acabaram por tornar-se preocupações naturais para mim e encontrarão eco nestas páginas. Procuvo descrever como chegámos a uma situação cultural em que a fé se encontra, por vezes, marginalizada. Mas estas páginas indicam também modos positivos de tornar a fé uma realidade efectiva, hoje, redescobrimo algo da novidade e frescura de Cristo.

Introdução

Existe uma famosa pintura de Joseph Mallord William Turner que representa um pequeno barco de pesca agitado pelas ondas e rodeado de nuvens de temporal dramáticas e ameaçadoras. Mas numa tal obscuridade aparecem duas fontes de luz: uma do céu, através de uma abertura entre as nuvens, e uma mais pequena, que resplandece de modo claro na própria embarcação. Não obstante os perigos do mar, a terra não está muito distante e é visível na parte esquerda do quadro. Os conteúdos deste pequeno texto terão algo em comum com esta pintura, no sentido em que espero oferecer um olhar honesto sobre a crise de fé que hoje está no centro das nossas preocupações. Se a cultura é como um oceano que nos domina, esse oceano é muito mais confuso e turbulento do que alguma vez foi na minha infância e é necessário discernir algumas das suas corren-

Introdução

tes transversais. Além disso, o objectivo destas páginas é indicar pontos de luz naquilo que, à primeira vista, poderia parecer a cena de um desastre. Em particular, espero evocar a permanente novidade de Cristo como luz para o mundo de hoje e sugerir caminhos através dos quais se possa comunicar esta luz, ajudando as pessoas a atingir a margem, sãs e salvas.

Quem poderia alguma vez prever a tempestade que desabou no céu antes sereno do catolicismo ocidental? A fé cristã aparecia como algo invulnerável, transmitida de geração em geração. E, pelo contrário – também em países como a Irlanda e a Inglaterra, para não falar da Espanha e da França –, a barca da Igreja, hoje, parece que se afunda rapidamente nas águas tumultuosas.

Pensando nos últimos decénios da história, não é de todo exagerado falar de uma revolução cultural – nos estilos de vida, no novo bem-estar, no âmbito das imigrações, nas famílias e também no campo da religião. Como já referi, a atenção destas páginas será dedicada à necessidade de uma nova linguagem para a fé de hoje. Isto é um tema familiar de muitos

Introdução

modos, é uma área explorada por muitos estudiosos há já algum tempo. O meu desejo é oferecer uma síntese de um tal saber, juntando algo do meu estilo e da minha perspectiva. Desejo situar-me para lá de uma pura análise sociológica do novo contexto (estatísticas da participação na Missa, a presença da religião no campo da educação ou ainda declarações de pessoas acerca das próprias convicções religiosas); pretendo mover-me em direcção a uma leitura mais cultural e, por isso mesmo, mais teológico-pastoral da situação. Por fim, como sugere o título, desejo afirmar que, para além do indubitável sofrimento e confusão destes anos, estamos diante do desafio de imaginar uma qualidade diferente do empenho cristão e, portanto, diante do desafio de redescobrir Cristo como novidade regeneradora de vida. Tal expressão é retirada de algumas afirmações do grande teólogo francês Henri de Lubac (depois feito cardeal) contidas no seu livro *O drama do humanismo ateu*, publicado há sessenta anos. Nessas páginas, de Lubac descrevia Cristo como «o grande perturbador», mas também como uma inédita imagem de Deus e uma

Introdução

inédita imagem da humanidade, que traz uma frescura surpreendente a um mundo cansado. Exaltava o contraste entre a explosão de alegria do Cristianismo e uma religião do destino, acrescentando que toda a aventura de Cristo foi, no fundo, um escândalo para aquele mundo. Por isso, perguntava-se com surpresa como se tinha podido chegar a uma situação na qual a fé cristã aparecia como o inimigo da plenitude humana ou, pior ainda, como uma lenda vazia e aborrecida. Estas mesmas acusações estão hoje vivas e de boa saúde, não obstante o contexto cultural ser bastante diferente daquele que de Lubac conheceu.

Um contexto cultural complexo

Tornou-se normal, em certos ambientes religiosos, insistir que a cultura envolvente se modificou radical e rapidamente e que este facto se tornou o fundo musical para explicar muitos dos nossos problemas sobre a transmissão da fé às gerações mais novas. Tal afirmação precisa de uma explicação cuidadosa. Em particular, é importante evitar fazer da cultura um qualquer tipo de bode expiatório, culpando-a de todas as nossas angústias e, deste modo, evitando qualquer reflexão sobre a nossa consciência pastoral.

Comecemos, contudo, com a palavra «cultura», que pode ter um significado traiçoeiro e vago, usado em sentidos muito diferentes. Há *roteiros culturais* visitando museus, galerias e igrejas antigas. Recentemente, li em notícias de jornais que «a cultura das armas de fogo», em Dublin, está a aumentar ou ainda a notí-

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	5
<i>Prefácio à edição portuguesa</i>	7
<i>Introdução</i>	13
Um contexto cultural complexo	17
Um oceano quotidiano	21
Com correntes perigosas	25
Da pré-modernidade à modernidade	29
O cenário pós-moderno	33
Vulnerabilidade e esperança	35
Que secularização?	39
Uma parábola para os nossos dias	45
O triângulo dos três «D»	49
Desbloquear um espírito de abertura	53
A centralidade da decisão	57
Coragem de ser diferente	61
O drama da imaginação	65
«Praticando» a religião	67
No limiar da paralisia	71
Estar vivo tem um preço	75
Rumo a uma catequese cristã	79
<i>Conclusão: Rumo a uma linguagem digna (de Deus)</i>	85